



Entrevista

Sumpfloch, a República das Mulheres

Sumpfloch, Women's Student Housing

Haidi Jarschel
Regene Lamb
Silvia Genz
Erli Mansk
Marli Lutz

[Entrevistas realizadas por Marcia Blasi* e Marli Brun**]

No ano de 1979 foi formada a primeira República de mulheres estudantes de teologia da então Faculdade de Teologia (FACTEOL), da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), conhecida como *Sumpfloch*. Na época, havia muita resistência à inserção de mulheres no estudo teológico e no ministério na igreja. A República das mulheres representou, portanto, não só um espaço de moradia e convivência, mas um espaço de luta e construção de saberes, da fecundação da Teologia Feminista na Faculdades EST. Como forma de valorizar as suas experiências, e para lembrar a importância da República de Mulheres, ou *Sumpfloch*, na história da Teologia Feminista na EST, convidamos as moradoras e teólogas Haidi Jarschel, Regene Lamb, Silvia Beatrice Genz, Erli Mansk, Marli Lutz a compartilharem suas experiências, sistematizadas abaixo.

* Doutoranda em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Possui Bacharelado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1997) e Mestrado pelo Graduate Theological Union, Berkeley, CA/EUA (2001). Atualmente é professora de Teologia Feminista e Co-coordenadora do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. É Assessora do Conselho da Federação Luterana Mundial para questões de gênero e facilitadora da Rede de Mulheres e Justiça Gênero da Federação Luterana Mundial na América Latina. É Pastora Ordenada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 1998. Foi Pastora Vice-Sinodal no Sínodo Noroeste Riograndense. E-mail: retalhos13@hotmail.com

** Possui graduação em Teologia pela Faculdades EST, graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1997), mestrado em Teologia pela Faculdades EST, especialização em Gestão Social pela Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atua como pastora da IECLB, pesquisadora na área de gênero, direitos humanos, educação e teologia e como assistente de projetos no Programa Gênero e Religião da Faculdades EST.



De onde surgiu a ideia de formar uma República de Mulheres?

Haidi Jarschel¹: *Em 1977, quando ingressei na Faculdade de Teologia da IECLB, eu era uma “piralhinha” de 17 anos. Além de mim, se não estou enganada, ingressaram outras 08 (oito) companheiras. Lembro que estouramos o limite dos 10%, estipulados pela IECLB, como percentual máximo de ingresso de mulheres na Faculdade de Teologia. Éramos um grupo grande de mulheres, entre elas a Silvia, a Marli, a Rosana, a Christa Wanke e a Resina Bohrz.*

Em 1978 mais mulheres ingressaram na FACTEROL, o que animou mais ainda o ambiente deste espaço extremamente androcêntrico. Lembro-me que um dia nós fomos chamadas para uma reunião com o P. Dr. Richard Wangen (in memoriam). Foi muito engraçado. Acho que o Wangen pagou um “mico” nesta reunião. Após uma longa introdução com muitas voltas, falou-se sobre a questão sexual no espaço da faculdade. Algumas veteranas ficaram muito indignadas por terem chamado somente as mulheres para esta reunião. Parecia que a lógica era aquela conhecida “Segura as tuas cabritas porque meus bodes estão soltos”.

A cada dia que passava sentia-se a pressão machista do ambiente. Perguntas tais como “veio procurar um marido?” eram de praxe, por parte dos outros colegas. Este ambiente, sem dúvida, nos motivou em 1978 a formar o primeiro Grupo de Mulheres com adesão de algumas e críticas de outras companheiras que negavam haver um espaço marcado pelo reproche e pressão de gênero. Resolvemos nos encontrar uma vez por semana para conversar, ler textos e nos fortalecermos. Lembro que Regene Lamb, Resina Bohrz, Silvia Genz, Marli Lutz, Silvia (teve mais algumas) se integraram desde o início e em 1979 se integraram Erli Mansk, Marie Wangen, Elisa, Cledes Markus. Entre os primeiros livros que lemos estavam “A libertação da mulher” de Samora Machel e “A mulher na sociedade de classes – mito e realidade” de Helleieth Saffioti. O espaço da sala (prédio velho) onde nos reuníamos sofria uma perturbação “inexplicável” na tarde de nossas reuniões, com berros, batidas fortes na porta, bolsas de água jogadas dos pisos superiores, etc. Nosso pequeno agrupamento incomodava muito os colegas de curso.

Alguns professores eram aliados e nos apoiavam de forma especial e estavam mais próximos, entre eles, P. Dr. Milton Schwantes (in memoriam), P. Dr. Erhardt Gerstenberger, P. Dr. Richard Wangen (in memoriam), P. Dr. Ulrich Schoenborn, P. Wilfried Buchweitz, Dr. André Droogers, entre outros. Também algumas esposas de

¹ Doutoranda em História na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. É graduada em Teologia pela Faculdade EST. Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1994). Pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB (licenciada). E-mail: haidija@gmail.com



professores nos apoiavam e estavam próximas como Ineke Droogers, Madalena Altmann, Pa. Elisabeth Schoenborn. Milton teve um papel especial ao nos convidar (1979 ou 1980) para participar de uma comissão que fora criada pela direção da IECLB cujo nome era “O problema do ministério feminino”, na qual a Pa. Rita Panke era a única mulher convidada. Regene e eu fomos participar da comissão a partir de então. Lembrome do dia que nós entramos na sala de reuniões e os outros ficaram olhando com ponto de interrogação, ao qual Milton logo respondeu e bancou nossa presença.

A vivência de morar no espaço da faculdade era cômodo, mas creio que várias motivações e desejos nos levaram para o bairro. Uma delas era o desejo de estar perto do povo, da vida cotidiana popular, pois nesta época o trabalho nas vilas e a participação nas discussões políticas e da Teologia da Libertação estavam no auge. Morar junto com o povo era uma das prerrogativas de vários estudantes em repúblicas nas vilas de São Leopoldo. Também nós tínhamos esta motivação. Outro motivo era o econômico. Morar em república custava mais barato que morar na FACTEOL. Todas nós tínhamos procedência camponesa e operária, com família de poucos recursos para nos ajudar na manutenção dos estudos sem poder trabalhar simultaneamente. E sem dúvida, a pressão machista nos fez buscar um espaço mais reservado onde pudéssemos construir outras relações e viver de uma forma mais próxima da qual vivíamos antes de vir ao Morro do Espelho.

Devo confessar que a inspiração e vontade de morar fora do Morro veio de uma das amigas que eu tive lá nos dois primeiros anos, a Rosana Fuhrmann. Ela morava no sótão da casa do P. Bockius (bibliotecário na época) fora do Morro do Espelho. Eu achava muito legal este espaço dela, reservado, com vida própria, muito bem decorado e aconchegante. Outro lugar que me aconchegava era a república Princípio da Esperança, onde morava o João Krüger, o Faraó e o Dieter Metzger. Por outro lado, Lúbia Starck Machado, governanta da Facteol, já tinha uma casa alugada para cinco estudantes, o Sumpfloch (moradia de homens). Ela estava planejando construir outra casa no mesmo terreno. Eu incentivei Lúbia a dar continuidade aos seus planos com a intenção de convidar outras colegas de curso para montarmos uma república. Acabou dando certo, porque a Regene, a Marla, a Sílvia, a Resina e a Marli toparam este desafio. Conseguimos, com a Lúbia, os móveis necessários e montamos nossa república. Iniciamos o ano de 1979 morando no bairro Jardim América.

Não foi muito tranquilo realizarmos esta iniciativa. Havia uma grande preocupação conosco e também muita piada conosco no mural de avisos (“pau”), existente no saguão de entrada do prédio principal, ao lado da secretaria. Cada dia havia lá alguns papéis pendurados com comentários de duplo sentido a nosso respeito. Procediam



especialmente de alguns companheiros muito queridos quanto a sua orientação ideológica, marxistas e machistas. Mulheres que estavam ensaiando a autonomia provocavam perturbação à ordem estabelecida. Isto é conhecido na história da modernidade ocidental. Também, neste caso, “a inquisição”, em forma de comentários e piadas de mau gosto, reapareceu. Aprendemos a lidar com isto e nos fortalecemos em nosso anseio de autonomia. A liberdade das mulheres gera apreensão na cultura machista.

Regene Lamb²: *Ingressei na Faculdade de Teologia em 1978. No primeiro semestre, morei nos prédios da faculdade. Havia ali uma ala determinada para as mulheres. Se não me engano éramos 12. Cinco novatas. Éramos poucas em relação aos homens. Talvez 10%. Em termos políticos havia movimentação, fortalecimento dos sindicatos, greves, denúncia das torturas, movimento pela anistia.*

Sentia-me muito separada dos acontecimentos e do pulsar da vida estudando teologia no Morro do Espelho. Havia discussões sobre as reais possibilidades de mulheres assumirem o pastorado nos moldes tradicionais e questionamento sobre nosso interesse pela teologia.

No segundo semestre decidi morar com uma família amiga, mas ainda no Morro do Espelho. Dispus-me para um trabalho voluntário com crianças na Vila Leite. No final do ano, Haidi me convidou para formarmos uma república e morar na casa que foi denominada de Sumpfloch. Foi a segunda casa construída pela Lúbia, então responsável pela administração das moradias na Faculdade, ao lado de uma casa onde já residia um grupo de estudantes homens.

Silvia Genz³: *Eu não tive muita participação no planejamento da República de Mulheres. Eu vim de Ivoti direto para o segundo ano do curso de Teologia, onde havia cursado o Pré-*

² Regene Lamb, pastora da IECLB e mestra em Teologia. Concluiu o curso de Teologia em 1983 e o mestrado em 2006 na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, RS. Trabalhou num Projeto de Teologia Feminista da Libertação em Kassel e lecionou na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em Porto Velho. Atuou como pastora nas Paróquias de Colorado do Oeste, Rolim de Moura, Porto Velho, Erval Seco, Cachoeira do Sul e na Coordenação do Conselho de Formação no Sínodo Uruguai. Foi representante do Sínodo Centro Campanha-Sul no Conselho da Igreja de 2008 a 2012. Atualmente atua como pastora na Paróquia em Monte Alverne, município de Santa Cruz, estado do Rio Grande do Sul. E-mail: regelamb@gmail.com

³ Silvia Beatrice Genz é pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Atuou como pastora nas paróquias de Palmitos - SC, Marques de Souza - RS, Erval Seco - RS, Chapecó - SC. Em cargos supraparóquiais, atuou como Vice-Pastora Distrital do Distrito Uruguai, Vice-Sinodal do Sínodo Vale do Taquari, coordenadora de formação no Sínodo Uruguai, pastora Vice-Sinodal do Sínodo Uruguai, Pastora 2ª Vice-Presidente da IECLB. Atualmente é pastora na Paróquia Picada 48 Baixa (Lindolfo Collor/RS) e 1ª Pastora Vice-Presidente da IECLB. E-mail: silvia.genz@luteranos.com.br



Teológico. Nós organizamos um grupo de teatro e fundamos a ATESE em Ivoti. Na primeira ATESE, participou um grupo teatral da Facteol, onde esteve presente a Regene Lamb. Ela nos convidou para morar numa casa fora da Facteol. Este foi o primeiro espaço em que estudantes de teologia foram morar fora da Facteol. Fomos eu e a Marli Lutz, do Pré-Teológico, morar na casa. Louraine Christmann (Lola) foi morar nos prédios da Facteol. Ela também era do ProSeminar.

Na época, quando eu e minhas colegas fomos estudar na Faculdade de Teologia, para a maioria das pessoas era impossível pensar que este estudo pré-teológico e teológico poderia servir para mulheres atuar como pastoras na igreja. Algumas mulheres que eram do Morro do Espelho, estudavam no Morro, mas não pretendiam ser pastoras. Na minha turma, éramos apenas 03 mulheres (Marli, Silvia e Lola) e nós três fomos para o pastorado. Nós precisávamos ser fortes para nos manter no curso e no propósito para o qual estávamos estudando. O campo não estava aberto para mulheres e ainda hoje não está completamente. Nós tínhamos que ter forças para abrir este campo para as mulheres e fazer nossa parte bem feita. Essa força nós fomos construindo na própria FACTEOL. Aprendi que é necessária muita leitura bíblica, perceber o que não está escrito, imaginar que por trás tinha muitas pessoas, entre elas, muitas mulheres que não estavam citadas nos textos. Eu sempre fiz questão de dar nomes para as mulheres dos textos. Nós fazíamos a leitura do Antigo Testamento e recontávamos umas para as outras as histórias. Para conhecimento bíblico e para nos apropriarmos de histórias de homens e mulheres na Bíblia e como elas encontraram forças para enfrentar as adversidades da vida. Eu gosto muito da história da Débora (Juízes 4-5), quando Baraque diz, se você for eu vou também. Nas histórias bíblicas, os homens que valorizavam a força e a capacidade das mulheres também eram muito importantes para nós. Isto nós também percebíamos em colegas, professores, que nos deram forças para enfrentar as contrariedades. Nós vislumbrávamos o projeto de Deus e seu reino. Jesus que inclui as mulheres e pensávamos que um pouquinho disso nós poderíamos experimentar hoje. A luta não era contra os homens, mas era para fazer a nossa parte na construção de um mundo diferente. Nós acreditávamos muito na palavra “um novo homem e uma nova mulher”.



Erli Mansk⁴: *Entreí na então Faculdade de Teologia em fevereiro de 1979. Uma nova realidade se iniciava, um outro mundo eu encontrava. Vinha do interior do Espírito Santo, embora estivesse morando os últimos três anos na capital, em Vitória, cursando o Ensino Médio. Fui a primeira mulher luterana capixaba a ingressar no curso da Faculdade de Teologia, em São Leopoldo. Eu não tinha nenhuma informação nem referência de pastorado, na IECLB, exercido por uma mulher. Mesmo assim, não me lembro, na época, de ter me preocupado com esta pergunta, se podia ou não. Foi no último ano do ensino médio, em 1978, que decidi fazer teologia. Até ali, minha decisão era pelo curso de odontologia.*

Quando cheguei a São Leopoldo, RS, encontrei várias mulheres na Faculdade e isto, em princípio, foi normal. O espanto veio depois, no decorrer da convivência na Faculdade. Sim, aos poucos, fui me deparando e sentindo o clima de desconfiança que havia ali em relação às mulheres que estavam cursando teologia. Perguntas maldosas eram feitas por alguns colegas homens, para nós, do tipo “o que vocês vieram fazer aqui”? E eles próprios induziam à resposta “procurar marido?”. Era novo e muito chato ter que lidar com esta situação. Pensava, “vim de tão longe para ter que ouvir aqui estas coisas? Não foi para isto que deixei família, amigos e minha terra, tendo que viajar três dias e duas noites de ônibus (naquela época, viajar de avião, nem em sonho) para chegar aqui e ouvir tais asneiras!!!” Mas, não foram poucas as que ouviam, volta e meia, esta mesma colocação.

No primeiro semestre, em 1979, morei na própria Faculdade, primeiro num quarto, sozinha, em seguida, com uma colega. Naquela época, a Faculdade servia refeições coletivas aos e às estudantes no refeitório, desde o café da manhã até a janta.

Diante do clima de hostilidade em relação às mulheres, fiquei muito feliz quando a querida colega Haidi Jarschel, veterana, veio ao meu encontro. Houve uma aproximação, conversávamos e, certa vez, ela me acenou com a possibilidade de eu ocupar a vaga que estava por acontecer na república Sumpfloch. Quando ela me perguntou se eu gostaria de morar lá, não pensei duas vezes. Para mim, era como voltar para casa. Morar com outras mulheres lembrava a minha casa, pois sou de uma família com cinco irmãs e um irmão. Ao mesmo tempo, o clima na Faculdade convidava as estudantes a se unirem, se apoiarem, serem solidárias. Senti que ali, naquele ambiente, naquele grupo, eu não me sentiria sozinha. E assim foi, assim iniciei uma nova e deliciosa fase no meu estudo e

⁴ Cat. Dra. Erli Mansk. Formada em Teologia, com ênfase no pastorado, em dezembro de 1999 (curso realizado em duas etapas: de 1979-1983 e de 1997 -1999) e Integralização em 2014. Também formada em Educação Cristã, curso realizado de 1994 a 1996. Mestrado Profissionalizante em Liturgia, de 2001-2003. Doutorado em Teologia Prática, de 2005-2009. Todos os cursos pela Faculdades EST. Exerço, atualmente, a atividade de coordenadora de liturgia na IECLB. E-mail: liturgia@ieclb.org.br



estadia na Faculdade de Teologia. Não sei se teria suportado ou como teria sido se não tivesse morado no querido e saudoso Sumpfloch.

No ano em que entrei na república de mulheres, Sumpfloch, era ainda nova no curso. As integrantes da casa, Regene Lamb, Sílvia Genz, Resina Borz, Marli Lutz e Haidi Jarschel, estavam mais adiantadas. Isto foi muito bom para mim, pois elas falavam de assuntos da teologia que me instigavam, me ajudavam a inserir naquele mundo que era totalmente novo.

No segundo ano de minha estadia, saiu a colega Haidi e entrou a colega Wanda Deifelt que estava ingressando no curso, em 1980. A experiência de morar na república Sumpfloch acrescentou importantes aprendizados em minha vida.

Marli Lutz⁵: *Como se fosse hoje, lembro-me do momento em que Sílvia, Lola e eu chegamos no hall de entrada da então Faculdade de Teologia, em 1979, quando fomos motivadas pela Regene, Haidi e Resi a participar na formação de uma república de mulheres. Na verdade, morar em casas de estudantes não era novidade para nós. Sílvia, Lola e eu vínhamos do Curso Pré-teológico, ex-IPT, que, acabou sendo transferido para Ivoti, onde cursamos o terceiro ano. Acredito que esta experiência anterior tenha influenciado na nossa pronta decisão de aderir ao convite. E, quem diria, esta se tornou uma experiência inesquecível! Hoje entendo que nos tornamos, através desta convivência, amigas, companheiras, irmãs para sempre. E assim têm sido. Mesmo que as distâncias nos separaram fisicamente, o elo que nos uniu, acredito, jamais romperá.*



A casa: como era a Sumpfloch?

Haidi Jarschel: *No final de tarde, na hora do chimarrão, muitas vezes nós recebíamos visitas. Aliás, visitas não faltavam. Milton passava por lá de bicicleta rumo a sua casa e muitas vezes dava uma chimarreada conosco. Sentia que ele era nosso grande companheiro, com aquela alegria e entusiasmo sempre presente. Ele apostava em nós e nos incentivava tanto nos estudos quanto a participar dos Grupos de Interesse existentes na FACTEOL (questão da terra, por exemplo). O lugar do chimarrão podia ser na cozinha ou*

⁵ Marli Lutz é graduada em Teologia pela Faculdades EST, mestra em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Atuou como pastora em paróquias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de Cacoal (Rondônia), Santa Maria do Jetibá, Afonso Cláudio e Jetitibá (Espírito Santo), Assis (São Paulo). Atua como assessora do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos) e como pastora da IECLB na Paróquia de Marques de Souza.



na sala muito aconchegante, com tapete, colchão e almofadas no chão. Se aquela sala falasse... Quantas prosas boas nós tínhamos lá e os carteados nos finais de semana.

O frio e a umidade no inverno eram cruéis. A casa ficava num banhado. São Leopoldo no inverno é de uma umidade danada e lá então era muito pior. Havia dias que esquentávamos tijolos no fogão, envolvíamos num pano e colocávamos na cama para nos aquecer e poder estudar. Se hoje alguma de nós sofre de reumatismo, provavelmente o Sumpfloch tem a sua contribuição.

Lembro que em 1982 foi a primeira eleição para prefeito e o PT tinha um candidato. Nós fomos todas fazer boca de urna numa escola lá na vila. Também participamos de reuniões com moradores e moradoras. Foi emocionante demais poder participar e votar pela primeira vez na minha vida. A discussão de política fazia parte da “roda de chimarrão”.

A convivência grupal (seis e até sete mulheres) foi um grande aprendizado para mim. Eu aconselho tod@s jovens a uma experiência de república. A partilha de comida, de gastos, de responsabilidades, de angústias pessoais, de alegrias é inesquecível. Quando alguma de nós ia para casa, voltava com as malas cheias de comida: linguiça, carnes, manteiga, pão, queijo, geleias de todos os tipos, frutas, conservas de pepino, etc. Alimentávamo-nos de forma muito saudável e com baixo custo. Éramos muito disciplinadas para a organização da casa, dos estudos, do silêncio, dos gastos. E fazíamos bastante festa também nos finais de semana, com jogo de cartas, com um vinho de vez em quando e às vezes uma “carninha” assada. Eu cresci e amadureci muito com esta experiência.

Regene Lamb: *O nome Sumpfloch vem da realidade do terreno. Era muito úmido e frio. Nos dias chuvosos era preciso passar por cima de um caminho feito com pedras e tábuas para não afundar na lama. Haidi conseguiu os moveis emprestados da Faculdade: seis escrivaninhas, três guarda-roupas e três beliches com colchões, mesa com seis cadeiras. Geladeira, fogão a gás, pia e utensílios para a cozinha ela conseguiu de um grupo de estudantes que desistiu de estudar teologia para estar ao lado do povo em suas lutas. Assim, iniciamos o ano de 1979 na nova casa, localizada no Bairro Jardim América. Até tentamos batizar nossa morada com o nome de SIHAREMA, as iniciais dos nossos nomes, mas não adiantou, pois o nome Sumpfloch já estava associado ao local. Silvia e Marli já se conheciam, pois haviam cursado o Instituto Pré-Teológico em conjunto. As demais tinham um ano de convivência na Faculdade. Tínhamos hábitos diferentes, mas dividimos as responsabilidades nos serviços e tudo o que trazíamos de casa. O terreno era muito ruim, mas fizemos horta e cultivamos flores, temperos, chás e um pouco de*



salada. Na sala havia um colchão e algumas almofadas, tapetes feitos de retalhos de tecido confeccionados pelas avós e mães. No inverno, tinha sessão de tricô e até eu aprendi a tricotar. As roupas eram lavadas a mão. A TV nós só adquirimos no último ano da faculdade. Uma sessão de cinema por mês na sexta à noite. Talvez uma vez no semestre um garrafão de vinho, de vez em quando um jogo de baralho. Aos domingos, de vez em quando, um churrasco com a república vizinha. Divertíamos-nos muito estudando e discutindo. Realmente não me lembro de conflitos sérios entre nós. Tínhamos que enfrentar muitas gozações e dúvidas sobre nosso real interesse pelo estudo da teologia e da prática pastoral. Para quase tudo éramos parceiras cheias de esperanças e sonhos. Planejamos a primeira semana de meditações trazendo reflexões na perspectiva da Teologia Feminista a partir de textos trazidos pela Bärbel Krah, uma estudante alemã que morou conosco no segundo ano da república. No terceiro ano, planejamos um seminário sobre a história das mulheres na igreja e recebemos o apoio do professor Martin Dreher.

Erlí Mansk: *Nossa casa não tinha TV e nem todas tinham máquina de escrever. Algumas tinham rádio. Não lembro bem se havia um liquidificador na casa. Era tudo muito simples, mas o ambiente era acolhedor, bem cuidado, limpo. Pessoalmente, nunca possuí um aquecedor. A casa tinha três quartos. Éramos seis (da teologia). Numa determinada época, veio morar conosco a irmã da Silvia Genz que cursava o ensino fundamental e médio em São Leopoldo. Dividíamos o espaço nos quartos (dois, em duplas e um, em trio). A casa ainda contava com um banheiro, uma sala, uma cozinha e um pequeno depósito, fora, com um pequeno tanque.*

Para mim, era difícil lavar roupas no inverno. Minhas mãos rachavam. Meus dedos inchavam e inflamavam. Mas, não tinha outro jeito, a não ser enfrentar. Ficava feliz que podia ir para casa, nas férias de julho, quando era mais frio ainda em São Leopoldo.

Fazíamos horta, ao lado da casa. Em frente, no mesmo terreno, havia outra casa, onde havia uma república de rapazes, também da teologia, diga-se de passagem, muito bem comportados e respeitosos para conosco. Havia uma boa convivência entre nós. Aos domingos, vez e outra, dividíamos um churrasco.

Fazíamos reunião de planejamento e funcionamento da casa: tínhamos uma lista de quem cuidava da cozinha a cada dia, de quem limpava a casa a cada semana, de quem fazia as compras semanais. Elegíamos a tesoureira da casa: ela organizava o caderno das finanças (com as entradas, as saídas e o saldo, devedor ou credor. Não me lembro de saldo devedor. Éramos muito cuidadosas! Sabíamos controlar bem nossos gastos): cada uma dava entrada de certa quantia (igual para todas) da bolsa do fundo de



financiamento do estudo de teologia (deste caixa saiam o aluguel e as compras da casa – alimentação e itens de limpeza).



Como foi a convivência na casa? Contem sobre a construção conjunta de saberes que aconteceu entre vocês:

Regene Lamb: *Ocorreram muitas saídas e entradas em nossa casa. Os motivos foram os mais diversos: casamento, estágio, inconformidade com as regras da casa quanto aos serviços e a divisão das despesas. Por um semestre morou conosco Ineke von Halsema, uma estudante de antropologia da Holanda, que fez uma pesquisa num terreiro de Umbanda. Também, Rejane Genz, irmã da Silvia, estudante do 2º Grau (Ensino Médio) e funcionária da Biblioteca morou conosco por um tempo.*

Na época havia uma grande preocupação com as desistências do estudo de teologia e eu creio que nossas discussões, leituras em conjunto, participação em alguns movimentos sociais nos uniram e fortaleceram a permanecer no estudo e assumir campos de atividade, funções representativas e de liderança na IECLB, mas também em organismos ecumênicos e no movimento de mulheres. Participamos da fundação do Grupo de Mulheres na então Faculdade de Teologia, ajudamos na organização dos primeiros encontros entre estudantes e pastoras e catequistas. Participamos da discussão sobre os regulamentos para inclusão da licença maternidade e possibilidade de trabalho partilhado por casal.

Formamos uma rede apoio não formal, mas de amizade, afeto, sonhos e determinação de permanecer trabalhando como teólogas pastoras. A nossa inserção nos espaços da instituição, comunidades e paróquias, nossa opção em casar e ter família levou a ter poucas possibilidades para encontros e reflexão crítica a partir de nossos trabalhos. Minha vida foi marcada intensamente pela experiência desta convivência inicial e me sinto hoje imensamente feliz em poder partilhar um pouco desta história.

Silvia Genz: *Nós éramos muito unidas. A solidariedade e o apoio mútuo nos ajudaram a manter na Faculdade de Teologia e a querer estudar sempre mais. Queríamos sempre ir em frente na construção do conhecimento. Estar na faculdade e poder ler, estudar, pensar que a gente poderia trabalhar nesta igreja, como a pastora Rita já estava trabalhando numa comunidade, era o maior presente, mesmo com todas as dificuldades. Sonhamos em fazer muito para o servir na igreja. Lutamos conosco mesmas no sentido de querer mais. Tivemos apoio de professores. Não podemos deixar de falar do Professor Martin*



Dreher, de esposas de professores estrangeiros que eram nossas amigas conselheiras e companheiras de discussão. Elas traziam ideais da Europa, onde já trabalhavam muitas pastoras. Além do estudo e de muitas leituras, buscamos ler sobre a participação e atuação de mulheres. Nós pensávamos sempre que deveríamos fazer a diferença dentro de um mundo cheio de violência e de muita exclusão, que existia tanto na realidade rural quando na realidade urbana brasileira. Na década de 70 e 80, foi travada muita luta para mudar a Constituição Federal Brasileira. Na casa e na Faculdade de Teologia, estudávamos muito sobre o direito das mulheres trabalhadoras, direito e compromisso de participação política das mulheres, direito de igualdade entre homens e mulheres também na igreja. Naquela época, pela lei brasileira, o homem era reconhecido como chefe de família. Somente com a Constituição de 1988 isto mudou, fazendo com que ambos tivessem os mesmos direitos e obrigações. A constituinte foi um marco que mudou o reconhecimento das mulheres – como cidadãs. Quando eu fui para o pastorado, em 1984, a lei ainda impedia a plena cidadania das mulheres. Se eu penso na minha história e os direitos das mulheres, lembro-me da importância que um conjunto musical, formado por 07 mulheres, teve na minha história de vida. Este grupo era formado por estudantes do Colégio Mauá de Santa Cruz do Sul. Elas se apresentaram em todo o país na época. A gente viu que mulher podia fazer o que até ali somente os homens faziam. Isto me ajudou a voltar a estudar, pois havia parado e aceitar o convite do Pastor Damerow para me preparar para ser pastora. Quando o pastor me falou da existência de pastoras, eu dizia: Isto nem existe? Ele disse: “Na Alemanha já tem”. Ele ajudou com bolsa para o Pré-Teológico.

Erli Mansk: *Após o almoço e jantar costumávamos sentar no chão da sala (onde havia um colchão forrado e almofadas). Ali rolavam as conversas, o chimarrão e o tricô. Aprendi a tomar chimarrão e também a fazer tricô com a Regene, a Sílvia e a Marli. Isto foi especialmente importante para mim que necessitava de roupas de inverno, pois vinha de um clima menos frio. Além do tricô, aprendi a jogar canastra com as colegas. Para desestressar, nos finais de semana, nos divertíamos, jogando. Quando o caixa permitia, comprávamos um garrafão de vinho para comemorar os aniversários. Participávamos, também em grupo, das tradicionais festas no Salão Nobre da Faculdade.*

Entre nossas conversas na casa, estavam a teologia, a realidade sócio-política, a igreja e, é claro, também amenidades! A casa era, muitas vezes, uma extensão das aulas e seminários. Regene, Sílvia e Marli eram da mesma turma. A hora do almoço, que fazíamos todas juntas, à mesa, elas traziam as temáticas recém discutidas em aula. Às vezes, chegavam brabas porque ouviram asneiras contra as mulheres ou sobre fundamentalismos teológicos ou sobre a situação social e política. Para mim, era bom,



estar ali, pois aprendia junto com elas, era estimulada pelas discussões que realizadas. Gostava de ouvir temas e assuntos da teologia que ainda não estava estudando. Creio que, fora dali, não teria tido chance de experimentar tanta riqueza de convivência, partilha e reflexão. Vivíamos, nesta época, a efervescência da Teologia da Libertação, o crescimento e importância das Comunidades de Base da Igreja Católica Romana no Brasil e as experiências das novas pastorais na IECLB (Grupo Zero Um, no Espírito Santo, As Novas Áreas de Colonização na Rondônia, a Pastoral entre Índios, no Acre, um grupo de pastoral, o conhecido PIAI, do então Distrito Eclesiástico Uruguai, da IECLB). Tudo isto estimulava o estudo da teologia e fazia parte das nossas conversas em grupo. E alguns ingênuos rapazes da teologia ainda imaginavam que as mulheres estudantes de teologia estavam ali para “procurar maridos”. Aliás, foram poucos os namorados que nós, mulheres do Sumpfloch, tivemos na Faculdade. Às vezes, penso que até resistimos ao namoro para mostrar por quê estávamos ali. Namoramos, sim, mas foram pouquíssimos, dentre os estudantes, que tiveram o privilégio de namorar conosco. Enquanto isso, discutíamos teologia, sonhando com as novas possibilidades do ser igreja a partir do ministério das mulheres. Sim, no meio dessas reflexões, surgiram novos saberes, novas ideias, coisas que, até então, não tínhamos imaginado.

Aos poucos, o estudo começava a fazer mais sentido para as mulheres estudantes de teologia. Por que estávamos ali? Percebíamos que tínhamos uma tarefa. Exemplos de questões que começaram a surgir: por que usar uma linguagem exclusivamente do ponto de vista do gênero masculino? Hmm, começamos a ensaiar o uso de uma linguagem inclusiva. E a teologia? Por que uma linguagem de Deus masculinizante? Começamos a pesquisar, ler, discutir e levantar estas perguntas nas salas de aula. E os colegas que nos hostilizavam começaram a perceber que não estávamos ali para “procurar maridos”, mas que a nossa função era outra: estávamos ali para incomodar, para desestabilizar, para fazê-los perceber que existiam outras perguntas para serem feitas e a estudar teologia com outros olhares, outros saberes, outras perspectivas. Muitos colegas, homens, entenderam isto e aderiram a este movimento, deixaram se questionar. Também professores procuraram outras chaves hermenêuticas para as suas pesquisas. A Bíblia, em especial, começou a ser interpretada a partir da pergunta pela atuação, papel e lugar da mulher na história do povo de Deus. Mulheres que, até então, nem eram percebidas nas leituras bíblicas e exegeses, como, por exemplo, Míriam, as parteiras do Egito, Débora, Ruth, discípulas e testemunhas da ressurreição de Jesus, fundadoras e líderes de comunidades cristãs, entre outras, despertavam interesse nas pesquisas. Iniciou-se uma procura pelas figuras e imagens femininas que expressavam e falavam de Deus.

De repente, cai o véu. O texto bíblico e a teologia se descortinam e as mulheres aparecem como protagonistas na história de Deus com o seu povo e não como aquelas que sofriam a história, à sombra, como objetos. Enfim, um mundo de possibilidade na pesquisa teológica se abria. A partir daí o estudo nunca foi o mesmo, a teologia podia ser vista com outros olhos, com outras perspectivas. Muitas surpresas e descobertas nos esperavam. Tudo isto nos alegrava, nos nutria e nos ajudava a perceber que não estávamos ali por pouca coisa. Havia muito ainda a ser des-coberto e a ser revelado às outras mulheres, nossas mães, tias, irmãs, filhas e muitas outras mulheres e homens das nossas comunidades.

Marli Lutz: *Entre as muitas coisas que me marcaram, destaco as nossas conversas à mesa, as “Tischreden”. Nossas refeições, apesar de muito simples, foram enriquecidas com estas reflexões. Eram momentos prazerosos de fala e escuta. Momentos em que eram trazidos os assuntos levantados nas aulas, permeados pela realidade social e eclesial do momento. Ali, neste pequeno espaço, partilhando nossos saberes e sabores, crescemos coletivamente. Cada uma do seu jeito e ritmo, participante e protagonista na construção de nosso saber teológico. Tivemos ótimos professores. Apenas uma professora, a de música, Helena Coelho. Um professor que foi âncora no nosso crescimento acadêmico foi Milton Schwantes. Ele nos fez enxergar a leitura bíblica na perspectiva das pessoas empobrecidas, que, em suas dores, lutas, anseios, se organizaram para conquistar espaços de libertação e vida.*

Entre muitos risos houve também espaço para muitas lágrimas. Fomos alvo de críticas preconceituosas, misóginas. Mas estas também nos provocaram a forjar resistência. Vejo hoje essa nossa casa como uma república socialista de mulheres que ousaram, que souberam ter a grandeza e a humildade de discernir entre a hora de avançar ou de recuar; de se colocar à escuta respeitosa de um lamento, mesmo ínfimo, mas também de ter a vibração nas grandes ou pequenas alegrias do cotidiano. Ríamos de nós mesmas, das coisas aparentemente sem sentido... da mistura de nossos sotaques capixabas e sulistas, das brincadeiras, até das frustrações ... Havia assuntos polêmicos. A necessidade de batalhar pela linguagem inclusiva era um dos elementos que necessariamente tomava corpo na insipiente teologia feminista. Um dos professores, Gerhardt Gerstenberger, ao publicar seu livro intitulado “Mulher e Homem”, teve que insistir para que fosse mantido esse título, e não a inversão conforme a editora propunha. Na esfera política, o surgimento do Partido dos Trabalhadores foi um dos grandes desafios a ser concretizado, tanto que no primeiro pleito eleitoral, fui a única a votar no PT em meu município de origem (São Vendelino-RS).



Nossas vivências e reflexões foram perpassadas pelas perguntas lançadas pela Teologia da Libertação: Gustavo Gutierrez, com a pergunta pela libertação da teologia; Leonardo Boff, grande pensador que marca presença também hoje, falava inicialmente do “Rosto materno de Deus” para depois referir-se a Deus(a), como a grande Mãe; Elza Tamez, que construiu sua erudição voltada a uma teologia encarnada na vida do povo simples, empobrecido e explorado. Este ambiente de discussão foi fruto de um tempo marcado não só pela reflexão, mas, pela conseqüente exigência de uma fé eficaz. Um tempo em que um grupo de estudantes se arriscou a sair dos muros da teologia e vivenciar uma fé encarnada com o povo. Em que no Espírito Santo se vivenciou projetos comprometidos com o povo, e que levou a um grupo de estudantes, junto com colegas pastores a engajarem-se na Pastoral da Convivência. O estágio que realizamos também traz consigo a característica destes desafios. Tentamos nos aproximar do rosto escondido da IECLB, indo para além das fronteiras culturais da “Senhor dos Passos”. Mato Grosso, Rondônia, Espírito Santo foram os espaços onde ensaiamos a práxis de nossas reflexões. E assim continuamos nos primórdios de nossas atividades pastorais.



Quais são os desafios e motivações que vocês trazem da experiência de viver em uma República das Mulheres?

Silvia Genz: *Para as estudantes de teologia hoje, o que posso dizer é que é necessário que a gente tenha um projeto de vida comprometido com a justiça e a dignidade de todas as pessoas. Precisamos ter sempre presente que o projeto anunciado e testemunhado por Jesus é um projeto de vida abundante. Nesse projeto, todas as pessoas que ainda hoje são inferiorizadas pelo modo injusto como a sociedade está organizada, por questão de sexo, raça/etnia, deficiência, precisam ser reconhecidas como cidadãos. Não queremos ter uma luta contra os homens, mas sim trabalhar por uma sociedade, uma igreja mais justa, com espaço para todas as pessoas, mesmo as pensam diferentes de nós.*

Haidi Jarschel: *Quero aproveitar esta narrativa e agradecer as mulheres com quem eu partilhei este período muito importante da minha vida. A vocês, Regene, Marla, Resina, Silvia, Marli, Wanda, Elisa, Erli, Ineke pela grande experiência de vida que pude ter junto a vocês. Minha eterna lembrança e gratidão. Nossos laços de amizade se mantêm através destes mais de trinta anos e das distâncias geográficas que nos separam. Sinto saudades grandes deste tempo de juventude e partilha no Sumpfloch. Sinto orgulho de nós pela ousadia. Ousadia esta que nos acompanha ao longo dos nossos caminhos nos*



espaços eclesiais e na sociedade. Sem medo de ser feliz!! Gratidão também a Lúbia que acreditou em nós e ajudou a formar esta república, como a todas/os que nos apoiaram e compartilharam a alegria conosco nesta casa.

Marli Lutz: *Sou grata por este tempo de vivência, marcada por todo um processo de construção e desconstrução. Aprendi que, se queremos um mundo de paz e justiça, inclusive justiça de gênero, precisamos vivenciá-lo na coletividade através da construção de relações de respeito, de ternura, de transformação pessoal e social. Gratidão a vocês por podermos, através das coisas de gênero, visibilizar e costurar esses retalhos de nossa história.*